

# Algumas das primeiras influências metodológicas de Nietzsche: Entre *Schulpforta* e a polêmica da *Sprach/Sachphilologie*

*Some of Nietzsche's early methodological influences: Between Schulpforta and the Sprach/Sachphilologie controversy*

Victor Campos Silva<sup>1</sup>

## Resumo

Neste artigo, pretendo estabelecer uma ligação entre as primeiras influências metodológicas de Nietzsche e sua crítica tardia como é o caso do procedimento genealógico. Para tanto, será levado em consideração o tempo e o contexto em que Nietzsche tem sua formação intelectual, observando particularmente as influências de sua formação como filólogo e historiador dos textos clássicos. Trabalha-se aqui com a hipótese de que o engajamento de Nietzsche com seu tempo seja uma marca frequente em seus escritos, de seus experimentos iniciais em *Schulpforta*, aos anos finais de sua produção filosófica. Observando algumas de suas primeiras influências, fontes e referências, buscamos responder até que ponto há uma relação de complementaridade entre os elementos da metodologia histórico-filológica com o desenvolvimento da forma de crítica que identificamos nos seus escritos tardios como genealogia.

**Palavras-Chave:** *Schulpforta*. Filologia. *Sprachphilologie*. *Sachphilologie*.

## Abstract

In this article, I intend to establish a connection between Nietzsche's early methodological influences and his late criticism as is the case with genealogical procedures. For this, the time and context in which Nietzsche has his intellectual formation will be taken into account, particularly observing the influences of his formation as a philologist and historian of the classical texts. We work here with the hypothesis that Nietzsche's engagement with his time is a frequent mark in his writings, from his early experiments in *Schulpforta*, to the final years of his philosophical production. Looking at some of its early influences, sources and references, we try to answer the extent to which there is a complementary relationship between the elements of historical-philological methodology and the development of the form of criticism that we identify in his late writings as genealogy.

**Keywords:** *Schulpforta*. Philology. *Sprachphilologie*. *Sachphilologie*.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Curitiba, PR, Brasil. E-mail: prof.vcs@gmail.com

## Introdução

“O trabalho histórico sem compreensão filosófica é cego, o pensamento filosófico sem conteúdo histórico é vazio”<sup>2</sup>  
M. Montinari

Existe uma tendência de se pensar a filosofia como uma espécie de história linear do pensamento, ou seja, como uma rede contínua de debates e discussões filosóficas ininterruptas. Nesse horizonte, tenta-se forjar uma concatenação discursiva entre filósofos de épocas e localidades distintas, fazendo com que os conceitos e questões filosóficas de um filósofo levem à resposta e às questões de outro, e assim sucessivamente. À universalização dessa dinâmica, supõe-se uma certa continuidade na história da filosofia, uma continuidade em que se poderia concatenar diálogos entre tradições filosóficas e autores que debatem entre si. Nessa ótica, a filosofia seria um ambiente contido em si mesmo, e os filósofos, estariam metodologicamente respondendo as questões filosóficas que outros antes colocaram. Suas questões, compreendidas verticalmente, ou seja, desligadas do tempo em que foram produzidas, poderiam ser retomadas e discutidas no termo da universalidade de seus temas: o problema da causalidade, a união/separação entre livre arbítrio e determinismo, o problema da consciência, etc. Consideramos aqui, que uma tal verticalidade filosófica não poderia ser aplicada à filosofia de Nietzsche. Afinal, para o autor da *Genealogia*, toda forma de pensamento possui uma historicidade (cf. GM II 13), uma história de transformações, esquecimentos, e fabricações que compõem a base de tudo que existe, incluindo aí o próprio filósofo e suas perguntas. A história desse “perguntar” que compõe toda filosofia não pode, portanto, ser desconectada do percurso que a constitui como interpretação, a saber, o conjunto de: técnicas, leituras, cursos, amigos, debates, e metodologias que dão formação a um filosofar.

No caso específico da interpretação nietzschiana<sup>3</sup>, é preciso atentar para o fato de que sua extemporaneidade não deve ser lida através da ótica da atemporalidade de suas questões filosóficas, mas, pelo contrário, como o restabelecimento de uma forma específica de historicidade. Trata-se, neste caso, de uma interpretação que busca resgatar a historicidade de tudo que existe, pois, como menciona em uma anotação de 1885: “Filosofia, da forma que eu

---

<sup>2</sup> CAMPIONI, Giuliano. *Leggere Nietzsche: Alle origini della Edizione critica*. Pisa: ETS, 1992, p. 148.

<sup>3</sup> Para Nietzsche, uma interpretação universalista e a-histórica pode ser relacionada ao que ele chama de “idiosincrasia dos filósofos [...] sua falta de sentido histórico, seu ódio à noção mesma de vir-a-ser, seu egipcismo” (CI III, 1), isto é, a crença de que questões filosóficas estão pré-determinadas na forma de conceitos e são, em sua grande maioria, repositões de problemas antes colocados.

sozinho compreendo, como a forma mais geral de história, como uma tentativa de descrever e de algum modo abreviar em símbolos o vir-a-ser heraclítico” (FP 1885 36[27])<sup>4</sup>.

Com isso em mente, tomamos seus escritos de estudante em *Schulpforta*, suas notas e artigos universitários (Bonn/Leipzig), assim como as preleções de suas aulas em Basileia, como parte integral de sua “obra”<sup>5</sup> filosófica e da construção de suas estratégias de interpretação. Pois a nosso ver, foi a sua formação como filólogo que, por exemplo, lhe forneceu o conjunto de ferramentas para criticar as correntes filosóficas de seu tempo, os problemas do positivismo, e os limites do método científico que quer estabelecer verdades e fabricar leis de interpretação. Foi sua vivência como um historiador dos textos clássicos da antiguidade que lhe permitiu constatar a historicidade de tudo que é humano e que em matéria de coisas humanas, e que não existem coisas primeiras ou entidades desinteressadas. Como demonstro a seguir, foram as experiências filológicas que deram a Nietzsche as primeiras ferramentas de sua interpretação filosófica.

### 1. Filologia e psicologia como hermenêutica em *Schulpforta*

Porquê Nietzsche se tornou um filólogo? Porque não mais um historiador naquele que já foi chamado de o século da história? Ou, quiçá, qualquer outra área de conhecimento com desenvoltura no período como a filosofia ou talvez o direito?<sup>6</sup> Porque a filologia? Como demonstrarei a seguir, o tipo de educação recebido por Nietzsche, desenvolvido e cultivado sob atenção de seus professores em *Schulpforta*, não inferiu apenas no seu estilo investigativo, ele atuou na própria definição de sua carreira como erudito e estudioso dos textos clássicos da

---

<sup>4</sup> Os apontamentos póstumos e a maioria das cartas utilizadas são numerados pelo ano de aparecimento seguindo o modelo da organização numerada do acervo digital facsimile da “Nietzsche Source” (<http://www.nietzchesource.org>). Para as referências dos apontamentos póstumos utilizamos o formato: (FP Ano, Grupo [Número]), indicando o ano e a localização numerada. Para as cartas de Nietzsche, adotamos o formato: (KSB Volume, Número), indicando também o ano e a localização.

<sup>5</sup> Segundo Ernani Chaves (2013, p. 333), a edição crítica dos escritos de Nietzsche publicados a partir da década de 1990 estabeleceu uma divisão entre o material filológico e o material filosófico de Nietzsche. Nesta pesquisa, desconsideramos completamente essa aparente distinção e coadunamos com a tese de Chaves de que os estudos filológicos de Nietzsche devem ser considerados uma peça central no processo de discussão e compreensão do pensamento de Nietzsche. Essa ideia, que também é corroborada por James Porter em *Nietzsche's Philology of the Future*, parte do princípio de que a ignorância e o desleixo para com os escritos filológicos de Nietzsche é uma prática recorrente nos estudos nietzschianos. Um problema que tem seu melhor exemplo na classificação desmedida de *O Nascimento da Tragédia* como um texto não filológico. Porter indica que essa divisão entre textos filosóficos e filológicos de Nietzsche é inteiramente arbitrária e desnecessária (cf. PORTER, 2000, p. 2). “Classicista que não vão além de O nascimento da Tragédia (e mesmo aqueles que, ocasionalmente, vão) e leitores de Nietzsche que não olham para os escritos anteriores à 1872 estão pelo menos nisto de acordo: o primeiro livro de Nietzsche é quase sem exceção visto como uma despedida de seus primeiros caminhos filológicos e clássicos. A recepção dividida de Nietzsche criou uma barreira para a compreensão de seu pensamento em ambos os lados de seus leitores.” (PORTER, 2000, p. 1).

<sup>6</sup> Esta, em especial, foi uma disciplina que foi objeto de interesse de outro célebre aluno de Bonn: Karl Marx.

antiguidade. Definitivamente, não foi por acaso, que depois de *Schulpforta* a filologia tornar-se-á quase que instintiva para o jovem Nietzsche<sup>7</sup>.

Em setembro de 1858, Franziska Nietzsche autorizara a transferência de seu filho, F. W. Nietzsche – à época com 14 anos de idade –, do *Domgymnasium* de Naumburg para o *Gymnasium* da prestigiada escola de *Schulpforta*<sup>8</sup>. É impossível precisar, no que se refere à transição de ambientes escolares, a totalidade do impacto que a mudança de ambiente provocara no desenvolvimento cognitivo do jovem Nietzsche, contudo, como irei demonstrar, os anos que marcam a passagem do jovem pelo novo *Gymnasium* (1858-1864) – respectivamente dos 14 aos 19 anos de idade – apresentam algumas das primeiras influências metodológicas do futuro filólogo<sup>9</sup>.

A escola de *Pforta* detinha um status social de superioridade, muito embora seu curriculum e o grau de dificuldade exigido de seus alunos se equiparasse ao das escolas alemãs típicas<sup>10</sup>. Seria um erro, contudo, definir *Schulpforta* apenas por seu nível acadêmico, pois, como demonstrou Curt Paul Janz – ao transcrever os princípios educacionais que balizavam a instituição – a experiência de *Pforta* correspondia à formação completa de seus alunos, em nível intelectual e moral:

É uma instituição educacional, na qual um certo número de alunos, durante um determinado período de tempo são preparados para a alta vida acadêmica ou para posições acadêmicas. Aquilo que faz *Pforta* diferente é que ela se constitui um autocontido estado acadêmico no qual a vida dos indivíduos é totalmente absorvida em todas as suas relações. A escola se transforma na alma *Mater* não apenas no que se refere ao ensino, como é no caso para um *Gymnasium* cidade, mas também no que se refere a formação de sua moralidade e caráter, para que seus pais, ou guardiões, transfiram para a escola com confiança, todos os direitos parentais na totalidade de sua criação e educação, e para que os alunos ali em alguns sentido, possam encontrar mais do que uma segunda casa, na qual passam os anos mais importantes de formação “desde a infância madura até transferência para a universidade” (JANZ, 1978, p. 65-66)<sup>11</sup>.

<sup>7</sup> (cf. BROBJER, 2008, 1-*Nietzsche as a reader*).

<sup>8</sup> De acordo com Brobjer, ao contrário do que é geralmente suposto, Nietzsche não recebe uma bolsa de estudos na prestigiada escola em função de suas qualidades acadêmicas ou notas [como afirma E. Foster-Nietzsche], mas em função do jovem ser um órfão de um pastor e ser estudante de um *Gymnasium* em Naumburg. Nas palavras de Brobjer: “A vaga não foi oferecida a Nietzsche como resultado de suas qualificações acadêmicas, mas porque ele tornou-se órfão depois que seu pai que tinha trabalhado para o Estado como um pastor [...]” (cf. BROBJER, 2008b, pp. 322-328.)

<sup>9</sup> Dentre os alunos ilustres de *Schulpforta* que irão contribuir para a formação teórica do jovem Nietzsche poderíamos destacar: Otto Jahn, Fichte, e o historiador Leopold von Ranke.

<sup>10</sup> O perfil dos alunos de *Pforta* correspondia ao estilo de sua educação integral, em geral, filhos de funcionários do governo, oficiais, e aqueles que melhor encaixavam-se à estrutura disciplinar da escola, órfãos (cf. BROBJER, 2008b, p. 325).

<sup>11</sup> JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: Biographie*. 3 Vol. München-Wien, 1978. Vol. I, p. 65-66.

A instituição, portanto, tinha uma vocação erudita, isto é, declaradamente tomava a formação intelectual e o rigor acadêmico como uma de suas metas mais centrais. E apesar da formação moral de orientação religiosa, a realidade é que um dos primeiros elementos dignos de destaque da educação recebida por Nietzsche em *Pforta* foi o criticismo histórico das fontes bíblicas, ou seja, a prática de interpretar estes textos como documentos históricos em oposição à sua leitura teológica e sacra<sup>12</sup>.

No que se refere à filosofia, a realidade é que os anos de educação em *Pforta* não ofereceram ao jovem Nietzsche muitas fontes de conteúdo filosófico, mesmo no que se refere à filosofia clássica<sup>13</sup>, as disciplinas com maior destaque na instituição são, em ordem de importância: 1) o latim e o grego<sup>14</sup>, 2) as demais disciplinas, como os estudos históricos, as ciências matemáticas e história natural, tem uma importância menor.

A passagem de Nietzsche por *Pforta* reflete, portanto, o espírito da educação linguística e histórica que permeava a escola. Um exemplo desta formação são as primeiras pesquisas de fundo histórico-filológico realizadas por Nietzsche à época, notadamente, seu trabalho investigativo sobre a saga de Ermanarich, Rei dos Ostrogodos, publicada em outubro de 1863 com o título: “A lenda do rei dos Ostrogodos, Ermanarich. Sua evolução até o século

---

<sup>12</sup> Para Brobjer, este foi um dos elementos que contribuíram para o rompimento de Nietzsche com a teologia cristã que lhe foi tão familiar durante a infância (cf. BROBJER, 2008, p. 1149). Ainda neste contexto, poderíamos lembrar o comentário do filósofo no prefácio à *Para Genealogia da Moral*: “Por fortuna logo aprendi a separar o preconceito teológico do moral, e não mais busquei a origem do mal por trás do mundo. Alguma educação histórica e filológica, juntamente com um inato senso seletivo em questões psicológicas, em breve transformou meu problema em outro: sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? e que valor têm eles?” (GM, Prefácio 3).

<sup>13</sup> Sobre as influências filosóficas de Nietzsche à época ver: BROBJER. *Nietzsche's Philosophical Context: An Intellectual Biography*. In: *International Studies*, 2008. p. 629.

<sup>14</sup> Em ambas as disciplinas Nietzsche mostrava-se abaixo da média na passagem do *Domgymnasium* para *Schulpforta*. O “certificado de saída” [*Abgangszeugnis*] – encontrado por Brobjer – realizado por seu professor no último trimestre de 1858, ilustra com clareza essa dificuldade linguística inicial do futuro filólogo: “Friedrich Wilhelm Nietzsche, geboren zu Röcken bei Lützen den 15. Oct. 1844, Sohn des daselbst verstorbenen Pastors Herrn Nietzsche, ist von Michaelis 1855 bis jetzt Schüler des hiesigen Domgymnasiums gewesen u. hat das letzte Semester der Tertia desselben angehört. Er empfahl sich seinen Lehrern jederzeit durch Folgsamkeit u. ein wohlgesittetes Betragen in u. außer der Schule. Im Schulbesuch war er gewissenhaft u. in den Lectionen zeigte er sich stets aufmerksam u. theilnehmend. Auch sein häuslicher Fleiß war wohlbefriedigend, u. er machte daher im Allgemeinen die nöthigen Fortschritte. Was seine Kenntnisse und Leistungen betrifft, so lautet in dieser Hinsicht seine gegenwärtige Censur folgendermaßen: in der Religion gut; im Deutschen, im Französischen, in der Geschichte, Geographie, Naturgeschichte und Mathematik (in der er die Congruenz der Dreiecke, die Flächengleichheit und die Lehre vom Kreise, soweit sie ohne Proportionen genommen werden können, sowie die Lehre von den Summen, Unterscheiden, Producten u. Quotienten u. die Rechnungen mit Dezimalbrüchen gehabt hat) ziemlich gut. Weniger befriedigend sind seine Leistungen im Lateinischen u. Griechischen, worin er Jul. Caes., Ovid's Metamorph., Xenoph. Anab. u. Homer's Od. zu lesen angefangen hat.” (*ibid*).

XII”<sup>15</sup> (cf. KGW I/2, 274-284).

De acordo com Campioni, o interesse de Nietzsche pela saga de Ermanarich persiste por vários anos, mais especificamente, de 1861 à 1865. Neste período, Nietzsche compõe músicas, escreve poemas, e esboça uma tragédia sobre o tema (cf. CAMPIONI, 2007, p. 28-29). No entanto:

Nem a via da tragédia e nem aquela da música parecem satisfazer o jovem que, em vez disso, decanta definitivamente todo material da lenda de Ermanarich antes num estudo histórico “muito seco” (julho de 1861), e depois num trabalho de caráter filológico de outubro de 1863 (A lenda do rei dos Ostrogodos, Ermanarich. Sua evolução até o século XII), sobre cujos resultados exprime uma “quase” satisfação. (CAMPIONI, 2007, p. 29).

Contudo, este levantamento historiográfico realizado pelo jovem Nietzsche enfrenta um problema comum à maioria das investigações de cunho histórico-filológico, o problema das fontes. Ou seja, o problema das lacunas e aparentemente insondáveis reinterpretações e apropriações de significado ao longo do tempo. Para além de suas predileções pessoais, fica muito clara a razão pela qual o futuro filólogo se interessa pela a saga de Ermanarich, o que lhe interessa é justamente o teor de contaminação e confusão que cerca sua origem. Mais do que uma *vulgata*, a saga de Ermanarich no século XIX beira o indefinido teor de uma lenda. Como aponta Campioni:

Nietzsche é fascinado sobretudo pela primeira figura da história germânica, Ermanarich, o rei dos Ostrogodos, cujo domínio se estendia do Mar Negro ao Báltico e cuja lenda se desenvolve, a partir da crônica latina de Jordanes, *De origine actibusque Getarum*, escrita em torno de 552, pelo menos por sete séculos, contaminando-se com lendas nórdicas, dinamarquesas e com a saga nibeológica. Desse modo, a morte por suicídio de Ermanarich, em 375, testemunhada por Ammiano Marcellino, transforma-se, em A saga dos Volsungos e no cancionário édico (Incitamento de Gudrum e O canto de Hamdhir), num sanguinário e sombrio assassinato por vingança. (CAMPIONI, 2007, p. 28)

De um ponto de vista estritamente metodológico, fica evidente que o acesso a fontes confiáveis é um problema nesta pesquisa de Nietzsche, afinal, elas se misturam a uma série de diferentes lendas e contos, que vão do épico inglês de *Beowulf*, ao *Jörmunrekkr* das terras nórdicas<sup>16</sup>. Essa dificuldade aparente, no entanto, pode ser entendida como um ponto positivo

<sup>15</sup>No que se refere aos trabalhos filológicos, para além da aula magna de 1969, Nietzsche produz no ano de 1867 uma história dos textos e princípios da composição da coletânea de sentenças de Teógnis; em 1868 produz uma análise da lírica da Grécia antiga (A canção das Danardes de Simonides); realiza um estudo das fontes gregas de Diógenes Laércio de 1868 à 1870; um tratado sobre Homero e Hesíodo em 1870; e edita alguns textos com aparato crítico em 1873.

<sup>16</sup> Para conferir a leitura de Jensen sobre Nietzsche e Ermanarich, ver: Anthony K. Jensen, *Nietzsche's philosophy of history*. Chapter 1: Philological Centaurs, 2013.

no estudo das metodologias de trabalho de Nietzsche, pois será frente à ausência de fontes, e frente a textos contaminados por transcritores e tradutores que irá brilhar a figura do filólogo, afinal, como comenta Ritschl, é tarefa do filólogo, “a reprodução da vida na antiguidade clássica através da intuição e do conhecimento” (*apud.* RIBBECK, 1879, p. 85)<sup>17</sup>.

Segundo Anthony Jensen, em seu trabalho sobre o Rei Ermanarich: “Nietzsche procede de forma a traçar uma genealogia hipotética que deveria explicar gradualmente, e em camadas, a construção da saga.” (2013, p. 9). Seu objetivo é, como também aponta Campioni, “recuperar o núcleo originário, histórico, da figura ‘germânica’ de Ermanarich” (2007, p. 30), o que coloca sua pesquisa em estreita conexão com a filologia. Seu “ensaio filológico percorre analiticamente, em todas as ramificações e variantes, os momentos e as escansões da tradição que transfiguram negativamente a figura histórica de Ermanarich” (CAMPIONI, 2007, p 30). No entanto, frente à baixa confiabilidade de suas fontes, Nietzsche apresenta o primeiro indício de sua habilidade de interpretação filológica, uma criativa especulação discursiva que, no embate com as diferentes fontes, busca reconstruir as motivações psicológicas dos agentes que produziram determinados relatos. Esta mesma estratégia de investigação psicológica e especulação pode ser observada tanto no estudo da saga do Rei Ermanarich como nos escritos filológicos que imediatamente o sucedem, como é o caso da análise sobre o poeta grego Teógnis de Mégara<sup>18</sup>, e do “historiador da filosofia” Diógenes Laércio.

Nietzsche estabelece como principal instrumento dessas investigações aquilo que Anthony Jensen chama de “uma descrição cético realista combinada com uma especulativa explanação psicológica” (2013, p. 34), isto é, uma prática especulativa cuja função é dialogar com as fontes, complementar suas lacunas, e finalmente, refinar suas apropriações de sentido para que uma compreensão mais abrangente do passado possa surgir. A marca desses primeiros experimentos é, portanto, uma interpretação psicológica que busca rastrear a genealogia de um texto, algo que preferimos chamar de “hermenêutica psicológica”, e que como veremos, será

---

<sup>17</sup> Ribbeck, Otto (1879–1881), *Friedrich Wilhelm Ritschl: Ein Beitrag zur Geschichte der Philologie*, 2 vols. (Leipzig: Teubner).

<sup>18</sup> Em 1864, Nietzsche estabelece um estudo sobre Teógnis de Megára, com o título *De Theognide Megarensi* (KGW II/I. I, p.58). Muito embora sua publicação só ocorra em 1867 com o título *Zur Gechichte de Theognideischen Spruchsammlung*, publicado na *Rheinisches Museum für Philologie* 22 (1867), p. 161-200. A marca metodológica desses escritos é, contudo, a relação entre o cuidado com as fontes e a especulação psicológica. Segundo Nietzsche, Teógnis foi deliberadamente moldado para parecer deplorável, vítima dos intérpretes cristãos que consideravam de forma negativa suas influências pagãs, a imagem preservada de Teógnis é uma paródia das intenções reais do filósofo. (cf. KGW II. 1, p.37).

uma marca frequente em suas investigações<sup>19</sup>.

Essa estratégia para lidar com o problema das fontes não é, contudo, um subjetivismo interpretativo ou uma especulação desprovida de fundamentação, sua estratégia resume-se pelo processo de estabelecer, como resume Jensen, “uma artisticamente plausível, mas filologicamente inverificável solução” (2013, p. 11).

Ele, na verdade, construiu um caráter hipotético de Ermanarich para explicar o que o registro dos ‘fatos’ não podia provar. **Sua filologia utiliza suposições psicológicas para completar as lacunas daquilo que a filologia crítica não podia demonstrar** [grifo nosso] (JENSEN, 2013, p. 11).

Estabelece-se assim uma crítica hermenêutica com elementos psicológicos em sua base, e é por essa razão que preferimos chamar este procedimento de “hermenêutica psicológica”. Uma metodologia de trabalho que tem sua origem ligada aos anos iniciais de sua pesquisa em Pforta, particularmente, aquela que foi desenvolvida sob a orientação de seus prestigiados professores: Steinhart, Keil, Volckmann, Corssen, Peter, e Koberstein<sup>20</sup>. Todos eles, eruditos e, como Nietzsche atesta em carta, partícipes fundamentais em sua formação e no desenvolvimento de suas habilidades de pesquisa (cf. KSB 1, n. 523)<sup>21</sup>. Foi em Schulpforta, sob a orientação desses professores que, por exemplo, Nietzsche aprendeu a cultivar essa estratégia que nos parece tão familiar e recorrente em seus textos: a combinação entre uma investigação documental e uma especulação de cunho psicológico. Como afirmou Jensen, “– um realismo cético acerca das fontes históricas combinado com uma psicologia construtivista – foi de fato cultivado pelos instrutores em Schulpforta” (JENSEN, 2013, p. 23).

Portanto, o que vale destaque neste primeiro esforço filológico do jovem Nietzsche não é propriamente a relevância filológica ou a profundidade filosófica de sua pesquisa, mas a

<sup>19</sup> Vislumbramos aqui, ainda indiretamente, o nascimento de uma das bases de sua genealogia filosófica. A combinação da capacidade de especular aliada à avaliação hermênutica-psicológica de um texto.

<sup>20</sup> Karl August Koberstein, foi um historiador da literatura, autor de *Grundriss der Geschichte der Deutschen National-litteratur*, e reitor de Pforta à época de Nietzsche. Segundo Anthony Jensen, o professor foi particularmente importante para a formação do jovem Nietzsche. Em nota de seu livro, ele argumenta que a observação dos escritos filológicos que marcam a passagem de Nietzsche de *Schulpforta* para *Bonn* não mostram uma grande diferença, mas pelo contrário, apontam a permanência do estilo e metodologia que o jovem estudante tinha adquirido sob influência de Koberstein (cf. JENSEN, 2013, p. 42, nota 39). A relação elogiosa entre Nietzsche e Koberstein também foi anotada por Curt Paul Janz: “Nietzsche escreveu um independente, corajoso, e historicamente-crítico trabalho sobre a saga de Ermanarich e o submeteu a Koberstein. ‘Ele ficou muito satisfeito e cheio de elogios pela erudição, perspicácia, e pelo caráter dedutivo e elegância estilística do seu aluno. Desde que Koberstein, que era um tanto taciturno à mesa de jantar, havia se expressado a mim com tanta alegre excitação, que eu encontrei causa para tomar conhecimento de Nietzsche. Mesmo após sua entrada na *Untersekunda*, eu já tinha percebido que ele era intelectualmente muito superior a seus colegas de classe, e que ele iria realizar algo grande” (JANZ, 1976, p. 96). (cf. KOBERSTEIN, Karl. A.. *Grundriss der Geschichte der Deutschen National-litteratur*. Leipzig: Vogel, 1827).

<sup>21</sup> Carta à Carl Gersdorff, de 11 de outubro de 1866. (KSB 1, n.523).



criatividade das soluções metodológicas do jovem pesquisador. Destacando-se neste caso, a interpretação especulativa utilizada com o objetivo de reconstruir as motivações biográficas e psicológicas de agentes históricos, uma prática interpretativa que, em diferentes contextos será utilizada em quase todos os seus escritos.

Em sentido lato, os experimentos iniciais que marcam a passagem de Nietzsche por *Pforta* podem ser definidos, grosso modo, como uma combinação de realismo e romantismo juvenil. Nietzsche é um realista na medida em que acredita ser possível adquirir uma correta compreensão histórica do passado; e romântico, como demonstrou Campioni, em função de seu fascínio pelo heroísmo mitológico germânico (CAMPIONI, 2007, p. 23-64). Muitos anos depois, em *Ecce Homo*, Nietzsche chega a confirmar essa hipótese ao comentar sobre seu estilo no período: “Meu velho mestre Ritschl<sup>22</sup> chegou a afirmar que eu concebia mesmo meus trabalhos filológicos como um *romancier parisiense* — de modo absurdamente excitante”. (EH Por que escrevo livros tão bons 2).

No entanto, apesar de encontrarmos indícios de elementos genealógicos nos textos que marcam a passagem de Nietzsche por *Pforta*, é evidente que ainda não é possível falar em genealogia aqui, não ao menos no sentido que o termo ganha em 1887. Como uma plataforma para seus estudos filológicos, *Pforta* foi a primeira base material da construção de seu despojado estilo crítico, isto é, da combinação de seu ceticismo frente às fontes documentais com a investigação do caráter psicológico de um autor. Esse estilo investigativo é sem dúvida alguma algo muito similar aquele conjunto de ferramentas e técnicas que será utilizado pelo filósofo em sua genealogia tardia.

Registramos assim, que foi em *Schulpforta* que teve início, ainda que em sentido lato, a história do procedimento genealógico de Nietzsche. Foi ali que, pela primeira vez, surgiram indícios de uma prática recorrente em seus escritos: a combinação de informações factuais com uma especulação psicológico-intuitiva. Essa estratégia de investigação, uma combinação de suas intuições psicológicas e de seu cuidado com o estudo das fontes, é uma característica que reconhecemos como sendo parte indistinguível do conjunto de procedimentos que iremos chamar de genealogia<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Embora a influência de Ritschl seja posterior à *Schulpforta*, a similaridade metodológica entre os anos de *Schulpforta* e *Bonn* é tamanha que chega a ser difícil estabelecer-lhes uma distinção. Voltaremos a tratar deste ponto adiante.

<sup>23</sup> Evidentemente há uma ligação entre esse contexto histórico-especulativo dos anos iniciais de pesquisa de Nietzsche com a filologia dos anos de Bonn e Leipzig. Em ambas, como demonstro a seguir, (cf. 1.3 *Nietzsche entre metodologias filológicas*) observamos a convivência entre a investigação histórica e a especulação argumentativa.

Três são, portanto, os pontos de destaque da passagem de Nietzsche por Schulpforta:

1) sua herança metodológica caracterizada por um profundo realismo crítico das fontes;

2) sua investigação psicológica, ou seja, a prática de investigar como autores e transcritores de um texto podem ser identificados através de sua biografia, predileções culturais, psicológicas, e o reconhecimento dessas características em um texto;

3) sua forma de investigação, que mesmo antes de Wagner, Schopenhauer, Ritschl, e Jahn, já denunciava uma metodologia muito similar àquela que se tornou característica do futuro filólogo: a união de uma pesquisa histórica com a especulação discursiva. Essa foi a herança mais importante de *Schulpforta* para Nietzsche. Uma prática que, além de fornecer as primeiras experiências de sua crítica textual, influenciou – direta ou indiretamente – seu ingresso no curso de filologia, uma cadeira que será fundamental na construção de seu estilo crítico e no fornecimento de seu primeiro arsenal metodológico.

## 2. Nietzsche entre metodologias filológicas

No início de setembro de 1864 – com 19 anos de idade – Nietzsche finaliza seus exames em *Schulpforta* e recebe o chamado “certificado de maturidade” [*Zeugnis der Reife*]<sup>24</sup>. No mês seguinte, passa a cursar teologia na Universidade de Bonn, curso que deixará no segundo semestre em favor de uma cadeira mais similar às investigações de *Pforta*, decide-se pela filologia<sup>25</sup>. Sua passagem pela universidade acontece em um momento em que a filologia carrega o prestígio de ser uma das mais importantes ciências de investigação do passado. Suas estratégias linguísticas, a construção do caráter de um autor, a crítica interna e externa da materialidade de um texto, sua genealogia, assim como as inovações metodológicas da arqueologia e da nascente “história social” fazem da filologia uma verdadeira “jóia da coroa das disciplinas históricas” (JENSEN, 2013, p. 35). Esse prestígio, no caso do jovem Nietzsche, será potencializado pelo excepcional quadro de professores de Bonn, como a exemplo de Otto Jahn (1813-1869), que foi um verdadeiro inovador no campo da arqueologia e no uso da arqueologia nos estudos filológicos; e Friedrich Ritschl (1806-1876) que, como veremos, soube

<sup>24</sup> Dois anos antes, em 1862, Ulrich V. Wilamowitz-Moellendorff, passava a estudar em Schulpforta.

<sup>25</sup> No início de 1865 Nietzsche já se decidira pela troca do curso de teologia para filologia. Ele escreve à família em carta de 2 de fevereiro de 1865: “E isto: Eu definitivamente decidi mudar para filologia” (KSB 1, n. 460).

passar à Nietzsche uma boa medida de equilíbrio metodológico entre objetividade e especulação<sup>26</sup>.

Como iremos demonstrar, a convivência de Nietzsche com estes professores (Jahn-Ritschl)<sup>27</sup> foi fundamental à sua formação acadêmica e a profissionalização de suas estratégias de investigação<sup>28</sup>. No entanto, é interessante notar que no processo de formalização da filologia como ciência, esses mesmos professores, e futuramente também Nietzsche, defenderão diferentes projetos de filologia.

A questão mais problemática para a filologia e para todas as áreas do conhecimento que investigam as relações humanas – como a história e a filosofia – sempre foi a questão do método. Ou melhor, a tentativa de responder: como é possível, partindo do modelo de objetividade das ciências naturais, tornar a investigação do passado e das relações humanas uma ciência legítima e objetiva; o problema da filologia e do conjunto de ciências da sociedade se refere, portanto, à necessidade de estabelecer uma metodologia confiável para a interpretação do passado.

Nas universidades de Bonn e Leipzig<sup>29</sup> a filologia acadêmica pode ser dividida em duas metodologias filológicas distintas: a *Sprachphilologie* (escola gramática ou objetiva) preocupada com “questões de gramática, métrica e estilo” e a *Sachphilologie* (escola histórica ou subjetiva) preocupada em “investigar todas as manifestações do espírito do velho mundo clássico” (SANDYS, 1908, p. 89)<sup>30</sup>. Essas duas orientações metodológicas agrupavam a

<sup>26</sup> Nietzsche comenta em carta à mãe – em novembro de 1864 – a impressão que os dois professores tinham lhe causado: “Pode sequer imaginar estes heróis da ciência [*Wissenschaft*] – homens como Ritschl, que realizou uma palestra sobre filologia e teologia para mim, e como Otto Jahn, que, como eu, faz filologia e música sem fazer uma ou outra de forma acidental – exercem uma grande influência sobre mim” (KSB 1, n.451).

<sup>27</sup> É muito provável que Nietzsche tivesse tomado conhecimento de ambos os professores ainda nos anos de estudante em *Schupferta*, afinal, seu professor de *Pforta*, Dietrich Volkman foi aluno de Ritschl, e Karl August Koberstein, professor de Otto Jahn.

<sup>28</sup> Karl Jaspers explica que a influência metodológica dos professores de Nietzsche é uma marca importante dos primeiros escritos do filósofo. Como ilustra Jaspers, Ritschl’s apresenta a Nietzsche uma série de estudos “não-filológicos, incluindo até mesmo numerosos médicos, [que] participaram de uma visão de construção do ‘método’... a arte de distinção do real do irreal, do factual do fictício, do conhecimento demonstrável da mera opinião, e certeza objetiva da preferência subjetiva” (JASPERS, 1997, p. 30).

<sup>29</sup> A passagem de Nietzsche da universidade de Bonn para Leipzig está ligada à saída de Ritschl para Leipzig. Isto ocorre em função do acirramento das indisposições metodológicas entre Ritschl e Jahn, ambos membros de posições metodológicas distintas.

<sup>30</sup> Essa disputa metodológica nos interessa não apenas pelo fato dela compor grande parte do processo de formação filológica de Nietzsche, mas também em função do contexto que esse diálogo irá ocupar em suas futuras críticas à filologia, em sua aproximação da filosofia, assim como, em seu posterior retorno à ciência e a história em *Humano, demasiado humano*. Fabiano Lemos – ao citar Glenn Most – ilustrou alguns dos principais problemas da divisão categórica em torno das supostas *Sprach* e *Sach-philologie*: “Glenn Most acusa a distinção entre *Sach-philologie* e *Sprachphilologie* de ser infértil na análise das diferenças intrínsecas do debate filológico do século XIX, e toma como exemplo a controvérsia entre Gottfried Hermann e Karl-Otto Müller: ‘A disputa entre Hermann e Müller é melhor entendida, não nos termos polêmicos e obscuros de *Sprachphilologie* (filologia da linguagem)

maioria dos estudiosos de filologia clássica do século XIX, incluindo Nietzsche e seus professores.

O contexto do debate entre essas escolas de filologia tem sua origem mais distante na antiga oposição entre o idealismo romântico da “filosofia da história” e a objetividade analítica de Wolf. As duas escolas, portanto, surgem no âmbito do debate metodológico e da caracterização das metas da pesquisa histórico-filológica.

A busca de uma leitura objetiva do passado através da crítica textual era a principal ferramenta da *Sprachphilologie* de Gottfried Hermann (1772-1848). Ex-aluno de *Schulpforta* e um dos mais renomados alunos (e professor) da universidade de Leipzig, Hermann buscava incorporar em sua leitura o status de objetividade das ciências naturais e evitava ao máximo a intrusão subjetiva da interpretação. Esperava-se assim que se pudesse “deixar o texto falar”, afunilando evidências históricas e linguísticas que pudessem ser compreendidas por todos como parte do chamado “texto original”. Na análise dos textos clássicos, as questões ligadas à gramática, métrica, e estilo eram suas principais ferramentas, sendo a crítica textual realizada com base no conhecimento do idioma grego. No caso de corrupção do texto, ou seja, de corrupção das fontes primárias, buscava-se sua recuperação através de exegese daquilo que o autor realmente queria dizer. Ao mencionar a metodologia de Hermann, Sandys menciona:

O criticismo textual, ele afirma, deve caminhar de mãos dadas com a exegese. O expositor dos Clássicos deve explicar as palavras individuais, elucidar as referências históricas, demonstrar o objetivo do autor, e do esquema geral de sua obra, com seus méritos e defeitos. Mas ele deve estar sempre consciente dos limites de nosso conhecimento de mundo antigo: - *est quaedam etiam nesciendi ars et scientia*. [arte e ciência também é uma espécie de ignorância] (SANDYS, 1908, p. 92)

Junto do *insight* de Hermann, foi importante para o desenvolvimento do criticismo textual o trabalho de Karl Lachmann<sup>31</sup>. Que ajudou a fundamentar o horizonte metodológico da moderna filologia como viria a apontar Willamowitz-Möller em sua crítica ao *Nascimento da Tragédia*: “a filologia na Alemanha tinha sido levantada a uma altura nunca antes imaginada, graças, sobretudo, aos serviços de Gottfried Hermann e Karl Lachmann”.

---

e Sachphilologie (filologia da coisa), como historiadores da ciência clássica normalmente a descrevem, mas, antes, como parte de uma tensão mais profunda no interior da ciência clássica moderna entre o que se pode chamar de abordagens classicizantes e historicizantes da compreensão do mundo antigo’. Seja como for, ainda que essa divisão não possa ser imputada como síntese última do problema, ela é estrategicamente útil na medida em que revela, ao menos, que critérios, legítimos ou não, estão envolvidos nessa generalização operada nos limites mesmos do debate filológico – e não, como Most afirma, como objeto de análise extrínseca, historiográfica”. (BRITO, 2009, nota 491).

<sup>31</sup> cf. TIMPANARO, Sebastiano. *La genesi del metodo del Lachmann*. 2. ed. Torino: Liviana, 2002.

(*apud.* PORTER, 2000, p. 227). Como afirma Timparano na citação de Cambraia, a crítica textual de Lachmann apresenta-se basicamente segundo as seguintes regras básicas:

1) o repúdio da *vulgata* e a exigência de não se recorrer irregularmente aos códices, mas de os empregar como fundamento da edição; 2) a desconfiança em relação aos códices da época humanista; 3) **a reconstrução da história do texto e, particularmente, das relações genealógicas que ocorrerem entre os manuscritos que subsistiram**; e 4) a formulação de critérios para determinar mecanicamente, sem se recorrer ao juízo (latim *iudicium*) do editor, qual, dentre várias lições, remonta ao arquétipo. [grifo nosso] (CAMBRAIA, 2005, p. 51-52)).

Nesse trabalho de reconstrução crítica do texto estudam-se as fontes e testemunhos, verifica-se a tradição direta ou indireta das fontes<sup>32</sup>, para, na sequência, partir para o cotejo rigoroso das cópias, palavra a palavra, registrando suas variantes. Será a partir da observação das variações que se poderá indagar pela genealogia dos testemunhos através da comparação, podendo interpretá-las como uma indicação de parentesco, quando ocorrem em mais de um texto, indicando uma dependência entre eles, ou, como uma indicação de uma separação, quando ocorrem em apenas um texto. A partir da identificação das variações seria possível comparar os lugares comuns em que elas ocorrem, para assim estabelecer uma relação genealógica entre os testemunhos, facilitando a compreensão da “personalidade do autor” e, conseqüentemente, do “texto base”.

A *Sachphilologie*, ligada a August Boeckh (1785-1867) – que foi aluno de Wolf e Schleiermacher –, apresentava uma interpretação que pretendia combinar a metodologia wolfiana e as metas pedagógicas da “filosofia da história”; seu objetivo principal era tentar apreender o espírito dos clássicos. Para um *Sachphilolog* o passado também deveria ser compreendido através dos textos e da palavra escrita, com a ressalva de que a esse horizonte interpretativo deveriam ser agregados outras evidências, como é o caso das descobertas arqueológicas; o contexto das artes; a indumentária; a arquitetura; as ferramentas de uma época; a numismática; suas práticas sociais; etc. O problema é que esses fenômenos não possuem uma linguagem direta como no caso do texto, o que obriga que lhe seja empregada uma interpretação, isto é, certa subjetivação da leitura (cf. JENSEN, 2013, p. 38)<sup>33</sup>. Segundo Benedetta Zavatta:

<sup>32</sup> As primeiras, as fontes diretas, são as cópias ou edições do texto propriamente dito; as fontes indiretas são traduções, paráfrases, citações, fontes de segunda mão, etc.

<sup>33</sup> Para maiores detalhes sobre as metodologias em questão deve-se conferir: SANDYS, 1908, p. 89-92.

No final do século dezenove, foi August Boeckh que desenvolveu a concepção de filologia como *Altherthumsstudien* que Wolf tinha introduzido. Boeckh considera o objeto da pesquisa filológica como “aquele com o qual filósofos **apreendem o princípio de pessoas e épocas**, o mais interno *kernel* da totalidade do seu ser” [grifo nosso] (BOECKH, 1877, p. 56 *apud*. ZAVATTA, 2012, p. 266).

Para a *Sachphilologie* somente através de uma noção de conjunto do passado seria possível atingir uma formação com base nos clássicos da antiguidade. É por essa razão que Boeckh via a gramática e a filologia como meras técnicas e ferramentas a serviço daquilo que deveria ser o trabalho mais importante, a compreensão do espírito de uma época (cf. JENSEN, 2013, p. 39). Ou seja, a construção de “um sistema completo, conjurado pelas mãos de um mestre” (BOECKH, 1877, p. 75)<sup>34</sup>, precisamente este, o trabalho de interpretação do filólogo.

É evidente que ambas as escolas respondem a uma temática comum à época<sup>35</sup>, e que são, à sua própria forma, uma tentativa de superação das filosofias da história e de outras leituras ideológicas do passado. Todavia, os dois extremos que representam as duas escolas não são por si só excludentes, afinal, ambas as escolas carregam os ideais pedagógicos de Wolf e compreendem a si mesmas como uma forma objetiva de ciência da antiguidade. De um lado, temos aqueles que compreendem que a história deveria, assim como as ciências naturais, trabalhar apenas com fatos e discursos capazes de demonstração; e de outro, aqueles que consideravam os fatos um elemento secundário, apenas um meio para um fim em particular. Em resumo, “a primeira preocupava-se com as palavras, a segunda com as coisas; a primeira preocupava-se com a linguagem e literatura; a segunda com as instituições a arte e arqueologia” (SANDYS, 1908, p. 89).

Como mencionado, nem Nietzsche nem seus professores estavam isentos do imbricamento nesta disputa metodológica da filologia, pois, se as descobertas arqueológicas e a influência de Boeckh fizeram de O. Jahn um *Sachphilolog*; Ritschl, seguindo a orientação de Hermann, pode ser considerado um verdadeiro integrante da *Sprachphilologie*<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> BOECKH August. *Encyklopädie und Methodologie der philologischen Wissenschaften*, E. Bratuscheck, Leipzig: B. G. Teubner, 1877.

<sup>35</sup> O problema da filologia, da história, e de todas as ciências que estudam as relações humanas sempre foi – e de certo modo ainda continua sendo – o problema do método, ou melhor, a pergunta pelo melhor método a ser utilizado na interpretação do passado e das coisas humanas.

<sup>36</sup> Para além de seus professores, contudo, existem indícios de contato direto de Nietzsche com os trabalhos de Hermann e Boeck. Em suas preleções de aula sobre Platão, por exemplo, Nietzsche procura fazer uma revisão da literatura para que seus alunos possam compreender as diferentes correntes de interpretação. E dentre as obras situadas nesta revisão estão os trabalhos de Karl Friedrich Hermann, *Platonic Dialogues* (1851-1858), e o trabalho de August Boeck, *Untersuchungen über das Kosmische System des Platon* (1852) cf. CHAVES, 2013, p. 340 – nota 7.

Neste momento, um leitor dos textos de Nietzsche apontaria o estranhamento, pois rapidamente identificaria a familiaridade da *Sachphilologie* com as estratégias investigativas do autor de *O Nascimento da Tragédia*. Afinal, suas especulações discursivas e o caráter argumentativo de suas discussões filológicas parecem estabelecer uma clara ligação entre Nietzsche e a *Sachphilologie* – ou não?

Em carta à Gersdorff de 25 de maio de 1865, Nietzsche reconhece momentaneamente a superioridade da posição da *Sachphilologie* ao comentar a oposição metodológica entre Ritschl e Jahn: “Aqui em Bonn, ainda permanece o maior escândalo, o rancor em função da disputa Jahn-Ritschl ainda domina. Da minha parte, considero que Jahn esteja absolutamente certo [*Ich gebe Jahn unbedingt Recht*]” (KSB 1, n. 467). A realidade, no entanto, é que Nietzsche nunca seguiu propriamente o pensamento de Otto Jahn. Suas pesquisas filológicas eram todas elas claramente ligadas à Ritschl, e se somarmos a isto seu total desinteresse por arqueologia, fica ainda mais evidente que a principal referência metodológica de Nietzsche não era a *Sachphilologie* de Jahn, mas a *Sprachphilologie* de Ritschl.

Novamente somos surpreendidos por um estranhamento, afinal, como é possível que Nietzsche se apresente como um *Sprachphilolog* à exemplo Ritschl com toda sua tendência a especulação? E isso para não falar de suas críticas à filologia e dos textos que escapam às metodologias filológicas como é o caso de *O Nascimento da Tragédia*.

Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que suas críticas à filologia e as ideias apresentadas em *O Nascimento da Tragédia* referem-se a um contexto peculiar e epocal da produção de Nietzsche, posterior à 1870 e ligado ao seu afastamento gradual de Ritschl e aproximação de Schopenhauer e Wagner. Portanto, em um cenário diferente daquele em questão. Em segundo lugar, é preciso ressaltar que o estranhamento da relação de Nietzsche com a *Sprachphilologie* de Ritschl é geralmente provocado por uma má-interpretação da filologia de Ritschl, ou melhor, pela identificação arbitrária de Ritschl como um filólogo objetivista, como um frio e direto *Sprachphilolog* que pouco, ou nada, ligava-se à qualquer especulação, ou seja, à errônea classificação de Ritschl como uma espécie de filólogo positivista<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Ainda no que se refere à Ritschl, apenas Charles Andler, e mais recentemente Anthony K. Jensen, comentam a influência de Ritschl sobre Nietzsche. Andler defende a visão clássica de: “Ritschl foi um puritano da ciência” (ANDLER, 1958, p. 298), o que não é verdadeiro. A pergunta que fica neste cenário é: como é possível que tantos autores se dediquem ao estudo da filologia de Nietzsche e ao seu período de formação ignorando completamente a influência deste filólogo que, no decorrer do século XIX foi professor não de apenas de um, mas de dois dos maiores filósofos alemães: Friedrich Lange e Friedrich Nietzsche. Ou quando muito fazendo o que seria ainda pior, assumindo em suas pesquisas a tese de que Ritschl foi um defensor de uma espécie objetividade filológica rígida, colocando-o no mesmo plano das filosofias positivas.

Longe de ser um puro *Sprachphilolog* como Hermann ou Lachmann, Ritschl com frequência combinava traços das duas metodologias, *Sprach* e *Sachphilologie*. Para Ritschl, se é verdadeiro que não se pode fazer filologia sem prescindir de uma prévia crítica textual e gramatical, também é verdadeiro que sem uma especulação ponderada e uma boa hermenêutica nada se pode criar. Como indicou Jensen, apesar de seu posicionamento, Ritschl via o valor e utilidade de ambas as metodologias:

Cada um dos seus “*Zur Geschichte der classischen Philologie*”, “*Gutachten über philologische Seminarien*” e “*Zur Methode des philologischen Studiums*” aparecem fortemente influenciados por Boeckh, mas são “corrigidos” por meio de um tom analítico mais sério. Boeckh e os românticos que ele ajudou a inspirar – Goethe, Hölderlin, e a chamada filosofia “histórica” dos hegelianos – muitas vezes negligenciavam essas etapas preliminares antes de construir sua *Gesamtbilden* do mundo antigo. A especulação sem rigor crítico, Ritschl ensinava, continua a ser mera adivinhação. Em suas palestras sobre métrica, Ritschl procurava, “a reprodução da vida da Antiguidade clássica através da intuição e conhecimento”. **Enfatizar a combinação era fundamental: não se pode reduzir a filologia, quer ao conhecimento do *Sprachphilologen* ou às intuições da *Sachphilologen*.** Assim, os estudiosos não devem categorizar Ritschl em uma escola ou na outra. **O destino de Ritschl foi Boeckh, mas seu caminho era distintamente o de Hermann.** Como um lembra um de seus estudantes: “Ele era rígido até a letra, mas ele lia em cada título da letra a revelação do espírito” [grifo nosso] (JENSEN, 2013, pp. 44-45).

A realidade, portanto, é que Ritschl pode ser lido tanto como um *Sprachphilolog* quanto como um *Sachphilolog*. Sua metodologia de pesquisa, assim como a orientação acadêmica que dispensa à Nietzsche indica que ele não se configura nem como um puro filólogo da linguagem nem como um puro especulador, mas como um profissional que, muito próximo dos ensinamentos de Wolf, compreendia a necessidade da gramática, da métrica, e da crítica textual para a fundamentação de uma discussão, e que compreendia que a partir daí abriam-se possibilidades de interpretação que deveriam ser exploradas. Foi nesse contexto que o professor de Bonn e Leipzig viu uma promessa de futuro no jovem aluno de Naumburg; foi no contexto da boa medida entre o cuidado analítico dos textos clássicos e as especulações psicológicas que surgia a promessa filológica do jovem Nietzsche<sup>38</sup>.

Fica claro, portanto, que a relação entre *Schulpforta* e *Leipzig* foi para Nietzsche mais uma relação de continuidade que ruptura. A tutela dos professores de *Bonn* e *Leipzig* – em especial a de Ritschl – sem dúvida alguma contribuíram para que o jovem filólogo adquirisse o rigor necessário à especialização do seu ofício, mas não provocou necessariamente nenhuma

---

<sup>38</sup> Isso é claro, até aquele derradeiro promovido por um “demônio” e o início de uma nova fase de sua pesquisa filológica, uma fase profundamente idealista e romântica, e que o levará à filosofia, e em última instância, ao rompimento momentâneo com a metodologia ensinada pelo velho professor de Bonn e Leipzig.



mudança drástica na estratégia de leitura que gestara nos anos de *Pforta*. Nietzsche – como fiel aluno de Ritschl – soube coadunar e dosar o realismo cético necessário ao estudo historiográfico com o caráter especulativo proveniente da hermenêutica psicológica dos autores e textos que estudava. Sua postura como filólogo era evidentemente a de um cético<sup>39</sup> realista, ou seja, compreendia que era possível adquirir um conhecimento real do passado através do estudo concreto das evidências linguísticas. Mas seu trabalho era realizado em paridade com a especulação de uma análise hermenêutica, afinal, é tarefa do filólogo buscar preencher os espaços e as lacunas deixadas pelas contaminações e distorções de um texto ao longo tempo.

Inspirado por Ritschl, o jovem de Naumburg não se deixa seduzir nem pelo totalitarismo da métrica linguística (*Sprachphilologie*), nem pelo subjetivismo da interpretação arqueológica (*Sachphilologie*). Nietzsche, assim como seu mestre, compreende que se é verdadeiro que não se pode fazer filologia sem uma prévia crítica texto-gramatical também é verdadeiro que nada se pode criar sem uma boa hermenêutica, sem aquela necessária interpretação que praticamente justifica o trabalho do filólogo. Caminhando próximo de suas intuições em *Schulpforta*, a filologia defendida por Nietzsche não busca nem a objetividade de uma ciência positiva, nem a pura especulação da “filosofia da história”, mas uma interpretação que, como enfatizou Ritschl, seja “a reprodução da vida da Antiguidade clássica através da intuição e conhecimento” (JENSEN, 2013, pp. 44-45), ressaltando neste caso, a necessária união entre intuição e conhecimento como ponto nevrálgico dessa arte.

Foram os ensinamentos de Bonn e Leipzig e o realismo histórico de suas análises que deram forma a sua oposição à filosofia da história e de outras interpretações metafísicas. Ao invés de se balizar pela: Razão (Kant), pelo Eu (Fichte), pela *Kultur* (Schelling), pelo determinismo linguístico (Humboldt), ou pelas mudanças históricas do espírito (Hegel), Nietzsche, estabelece como foco de suas investigações, o texto, as motivações humanas de seus autores, e seu conteúdo psicológico; isso, temperado pela especulação discursiva e hermenêutica, estabelece o contexto de suas primeiras investigações e tendências metodológicas. Sua estratégia de investigação, embora ainda muito distante da “genealogia” que reconhecemos em sua filosofia tardia, procede de forma familiar ao combinar realismo e

---

<sup>39</sup> Como demonstrou Rogério Lopes, a principal herança da filologia para Nietzsche foi essa “resistência do ceticismo”, ou melhor, a incorporação do criticismo em suas avaliações filosóficas sobre o passado, e na construção de sua filosofia como uma espécie de crítica que é ao mesmo tempo, histórica, filosófica, científica e especulativa. Em um fragmento de 1885, Nietzsche comenta: “O melhor que a Alemanha teve foi sua linhagem crítica [*kritische Zucht*] – Kant, F. A. Wolf, Lessing, Niebuhr etc. Resistência do ceticismo. – Audácia mais forte e mais resolvida, a segurança da mão que guia a faca, prazer na negação [*Neinsagen*] e na dissecação [*Zergliedern*]. Contra-movimento [*Gegenbewegung*]: os românticos, com Richard Wagner como a síntese do último romântico, - - -” (FP 1885 34 [221]).

especulação. Quase poderíamos imaginar que se trata de uma estratégia de pesquisa que pretende “substituir o improvável pelo mais provável, e ocasionalmente um erro pelo outro” (GM Prólogo 4).

### Referências bibliográficas

ANDLER, Charles. *Nietzsche, sa vie et sa pensée*. Paris: Gallimard, v.1, 1958.

BABICH, Babette E. *Nietzsche's Philology and Nietzsche's Science: On the "problem of Science" and "fröhliche Wissenschaft"*. Paris: Philologicum: Pascale Hummel (ed.), 2009.

\_\_\_\_\_. *Future Philology!* by Ulrich von Wilamowitz-Moellendorf. Translated by G. Postl, B. Babich, and H. Schmid". *New Nietzsche Studies*, Volume Four, n. 1 & 2, Summer/Fall 2000, p. 1-33.

BASSETO, Bruno. *Elementos da filologia românica*. São Paulo: EDUSP, 2002.

BOECKH August. *Encyklopädie und Methodologie der philologischen Wissenschaften*. E. Bratuscheck, Leipzig: B. G. Teubner. 1877.

BRITO, de Lemos F. *Soldados e Centauros: Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2015.

BROBJER, Thomas H. *Nietzsche's Philosophical Context: An Intellectual Biography*. Urbana-Chicago: University of Illinois Press, 2008.

\_\_\_\_\_. *Why did Nietzsche receive a scholarship to study at Schulpforta?*. *Nietzsche Studien* 30, Berichte, 2008b, pp. 322-328.

CAMBRAIA, César N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPIONI, Giuliano. *Friedrich Nietzsche: paixão e crítica da moral heroica*. *Cadernos Nietzsche* 22, 2007, pp. 23-64.

CHAVES, E. *Nietzsche contra Schleiermacher: O Oral e o Escrito em Platão*. In: CARVALHO, Ruy; COSTA, Gustavo; MOTA, Thiago (orgs.), *Nietzsche-Schopenhauer: ecologia cinza, natureza agônica*, Fortaleza: Ed. UECE, 2013.

JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: Biographie*. 3 Vol. München-Wien, 1978.

JASPERS, Karl. *Nietzsche: An Introduction to the Understanding of His Philosophical Activity*. Translated by Charles F. Wallraff and Frederick J. Schmitz. Baltimore: Johns Hopkins, 1997.

JENSEN, Anthony K. *Nietzsche's Philosophy of History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. - São Paulo: Companhia das letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. - São Paulo: Companhia das letras, 2006.

PORTER, J. *Nietzsche's Philology of the Future*. Stanford: Stanford University Press, 2000.

RIBBECK, Otto. *Friedrich Wilhelm Ritschl: Ein Beitrag zur Geschichte der Philologie*, 2 vols. Leipzig: Teubner, 1879–1881.

SANDYS, John E. *A History of Classical Scholarship*, 3 vol: The Eighteenth Century. Cambridge: Cambridge University Press, 1908.

TIMPANARO, Sebastiano. *La genesi del metodo del Lachmann*. Torino: Liviana, 2002, 2. Ed.